



## MODO DE PRODUÇÃO CAPITALISTA E SUAS CRISES INELIMINÁVEIS

Angely Dias da Cunha<sup>1</sup>

### RESUMO

O artigo em questão é resultado de pesquisa bibliográfica realizadas a âmbito do mestrado, propõe-se a realizar uma análise crítica sobre as crises do capitalismo como constitutiva do modo de produção. Em um primeiro momento serão apresentadas sob a luz do marxismo a contribuições para se entender as crises e por fim serão tecidas algumas considerações finais sobre objeto, que não se esgota nesse momento, mas o contrário, abre possibilidade de novos estudos.

**Palavras-chave:** Modo de Produção; Crises; Capitalismo.

### ABSTRACT

The article in question is the result of bibliographic research carried out within the scope of the master's degree, it proposes to carry out a critical analysis on the crises of capitalism as constitutive of the mode of production. At first, contributions will be presented in the light of Marxism to understand the crises and finally some final considerations will be woven on the object, which does not end at this point, but on the contrary, opens up the possibility of new studies.

**Keywords:** Production Mode; Crises; Capitalism.

## 1 INTRODUÇÃO

Esse artigo tem o objetivo de apresentar uma análise crítica, a partir de pesquisa bibliográfica, sobre as crises como oriundas, inelimináveis e constitutivas do capitalismo.

A proposta é relacioná-la a lei geral da acumulação capitalista, e definida- lá como uma contradição típica do modo de produção, que ocasiona um aumento de riqueza produzida apropriada pela classe dominante ao mesmo tempo em que crescem o exército industrial de reserva e o pauperismo (MARX, 2017). Essa contradição comunga com a exploração do trabalho e acumulação de riqueza, cuja consequência é o processo de centralização e concentração do capital.

<sup>1</sup> Graduada em Serviço Social pela UEPB. Mestra em Serviço Social pela UFPB. Doutoranda em Serviço Social pela UERJ. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Questão Social, Política Social e Serviço Social (UFRN). Assistente Social efetiva na Política de Saúde no Município de Parnamirim – RN e na Segurança Pública do Estado do Rio Grande do Norte. E-mail: angelyddias@gmail.com



Diante disso, em um primeiro momento serão apresentadas as mediações para compreensão das crises do capital e por fim serão tecidas algumas considerações sobre o objeto proposto.

## 2. MEDIAÇÕES PARA COMPEENSÃO DAS CRISES DO CAPITAL

As crises são constitutivas do modo de produção, para entendê-la parte-se da concepção do trabalho como fundante do ser social, pois através dele que o homem<sup>2</sup> transforma a natureza e a si mesmo, e é por meio do trabalho concreto produtor de valor de uso, que o homem é capaz de suprir as suas necessidades e desenvolve sua capacidade teleológica<sup>3</sup>.

Essa categoria ontológica possibilita ao homem pré-idealizar sua ação, o diferenciando dos animais orgânicos e a natureza inorgânica (LUCKÁCS, 1975). Dessa forma, mediante o trabalho, o homem tem a capacidade de socialização e de construir relações sociais com seus semelhantes, essa capacidade o torna um ser social.

O trabalho permite desenvolver o pensamento e a capacidade de escolher os meios/instrumentos para alcançar os seus objetivos/finalidades. Tal habilidade é atribuída pelos homens no processo de produção da sua vida material, através do seu pôr teleológico. São os homens que atribuem pelo pôr teleológico a intencionalidade/ finalidade, colocam a finalidade em ação. Assim, é no trabalho que se efetiva o salto ontológico, retirando a existência humana das determinações biológica (LESSA, 2012), “é um processo entre o homem e a natureza, processo este em que o homem, por sua ação, regula e controla seu metabolismo com a natureza” (MARX, 2017, p.255).

Sendo assim, “o ser social só pode surgir sobre a base de um ser orgânico e que esse último pode fazer o mesmo apenas sobre a base de um ser inorgânico”

<sup>2</sup> Para uma escrita didática, o homem aqui utilizado refere-se aos membros do gênero humano, constituídos por homens e mulheres.

<sup>3</sup> Teleologia é entendida como relação válida exclusivamente no quadro do ser social, único local a que pertence, então surge uma autêntica relação entre determinações de reflexão que forma a base ontológica do que Marx chama de metabolismo entre a sociedade e a natureza (LUCKÁCS, 2012, p.193).

PPGPP  
30 ANOS

JOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS

(LUCKÁCS, 2012, p.3), torna-se um ser *sui generis* no processo de reprodução que assumem à sua própria essência num determinado grau de desenvolvimento de reprodução orgânica.

A essência do trabalho consiste em ir além dessa fixação dos seres vivos na competição biológica com seu meio ambiente, o momento essencialmente separatório é constitutivo não pela fabricação de produtos, mas pelo papel da consciência, a qual, deixa de ser mero epifenômeno da reprodução biológica (LUCKÁCS, 1975, p.5)

Em suma, o ser social se constitui como tal porque é capaz de realizar atividades teleologicamente orientadas; objetiva-se material e idealmente; comunica-se e expressar-se pela linguagem articulada; trata-se de atividades reflexivas, consciente e autoconsciente; escolhe-se entre alternativas concretas, universaliza-se e socializa-se, logo, o surgimento do ser social implica o surgimento de uma racionalidade articulada com modelos de objetivações cuja finalidade é a práxis (NETTO; BRAZ, 2010). As formas de objetividade do ser social se desenvolvem à medida que a práxis social surge e se explicita a partir do ser natural, a espécie humana se converte em gênero humano e a categoria práxis revela o homem como ser criativo e autoprodutivo.

O trabalho nessa relação é formado por posições teleológicas que põem em funcionamento séries causais. A teleologia é um pôr – posição sempre realizada por uma consciência – que, embora se guiando em terminada direção, pode movimentar apenas séries causais, ao contrário da causalidade, que representa a lei espontânea na qual todas as formas de ser encontram a sua expressão geral<sup>4</sup> (LUCKÁCS, 2012, p. 6). Todavia, na ontologia do ser social não há teleologia, enquanto categoria do ser, sem uma causalidade que a realize. De outro lado, “todos os fatos e eventos que caracterizam o ser social enquanto tal são resultados de cadeias causais postas em

<sup>4</sup> Assim, a heterogeneidade ontológica entre causalidade e teleologia se expressa na separação entre sujeito e objeto e a diferenciação mostra-se presente na crescente “autonomização das atividades preparatórias, a separação no trabalho concreto, tem lugar entre o conhecimento, por outro lado, as finalidades e os meios (LUCKÁCS, 1975, p.10)

PROMOÇÃO



movimento teologicamente” e eles se apresentam em determinações reflexivas (LUCKÁCS, 2012, p. 248).

No modo de produção capitalista esse trabalho assume outras dimensões, esse sistema se apropria do trabalho vivo e as produções de bens materiais e o trabalho que antes eram para sobrevivência tornam-se excedentes, isto é, o trabalho enquanto valor-de-uso passa a agregar o tempo que excede para a produção dos bens materiais, como também o valor excedente dado ao produto para comercialização; a força de trabalho torna-se mercadoria, considerado enquanto valor-de-troca.

As mercadorias, recordemos, só encarnam valor na medida em que é expressões de uma mesma substância social, o trabalho humano; seu valor é, portanto, uma realidade apenas social, só podendo manifestar-se, evidentemente, na relação social em que uma mercadoria se troca por outra. Partimos do valor-de-troca ou da relação de troca das mercadorias, para chegar ao valor aí escondido (MARX, 2011 pág. 69).

Este trabalho acrescido de tempo e valor/dinheiro tem seus impactos no processo de reprodução do ser social, que resulta em um estranhamento, cuja alienação<sup>5</sup> esconde as relações sociais, reificando-as<sup>6</sup>, autonomizando o que o homem produz e estabelecendo um processo de trabalho no qual ao invés dos instrumentos de trabalho serem consumidos pelo trabalhador, este é consumido pelos instrumentos, funcionando “[...] como fermento do seu processo vital [...]” (MARX, 2004), ou seja, o ser social, alienado, perder suas capacidades genéricas e reproduz as manifestações sociais presentes na estrutura e superestruturas. Para Marx(1974):

<sup>5</sup> A alienação se expressa em três níveis: o trabalho alienado, quando o próprio produto do trabalho do homem lhe é estranho, “[...] a natureza se distancia e se fetichiza”; o homem alienado de sua própria atividade, quando o trabalho deixa de ser ação própria da vida e passa a ser meio de vida (CANTALICE, 2016, p. 57).

<sup>6</sup> Um dos aspectos mais degradantes da ordem social do capital é que reduz os seres humanos à condição reificada, a fim de adequá-los aos estreitos limites da contabilidade do tempo do sistema: o único gênero de contabilidade – extremamente desumanizadora – compatível com a ordem social do capital. Esse tipo de desenvolvimento social tão humanamente empobrecedor é justificado teoricamente na forma de uma abstração ideologicamente reveladora operada pelos economistas políticos que vinculam de forma direta a individualidade abstrata (os indivíduos isolados) e a universalidade abstrata (a vigente divisão e fragmentação capitalista do trabalho decretada como regra universal atemporal criada pela própria natureza) (MÉSZÁRIOS, 2012, p. 40)

PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS



a produção capitalista mais do que qualquer outro modo de produção veremos desperdícios de seres humanos, dilapida de nervos e cérebro. Na realidade, só malbaratando monstruosamente o desenvolvimento individual. Todas as parcimônias de que estamos tratando decorrem do caráter social do trabalho, e é de fato esse caráter diretamente social do trabalho a causa geradora desse desperdício de vida e da saúde dos trabalhadores (MARX, 1974, p.97 e 99) .

Nessa conjuntura, o homem e o trabalho assumem papel fundamental para produção e reprodução da dinâmica do capital. A classe burguesa dominante desenvolve estratégias para manter e perenizar este processo de alienação, impedindo que o trabalho alcance sua dimensão realizadora do humano, além de dificultar, e muitas vezes impedir, a tomada de consciência do trabalhador de que há outros homens nas mesmas condições de exploração e expropriação, inibindo a organização coletiva dos mesmos e sua consolidação.

A extensão das relações capitalistas e as formas de *práxis social* com a incorporação ao processo de valorização do capital aparecem à moldura abstrata advinda de sua subordinação ao mesmo, o trabalho concreto é submetido ao trabalho abstrato<sup>7</sup> (produtivo e improdutivo) e, na sociedade contemporânea são tratados como sinônimos, obscurecendo a submissão dos homens ao mercado (LESSA, 2012).

Nessa contradição, as objetivações e o produto do trabalho ao invés de se apresentarem aos homens como a expressão de suas forças sociais vitais, impõe-se a eles como exteriores e transcendentais. “Entre os homens e suas obras, a relação real, é a relação entre criador e criatura, aparece invertida – a criatura passa a dominar o criador” (NETTO; BRAZ, 2010, p.56).

É mediante esse processo que acontece a construção da coesão e consenso por parte do capital, as relações de dominação se sobrepõem ao homem, o trabalho se transforma em simples meio de subsistência, em uma atividade cujo único sentido

<sup>7</sup> Uma atividade assalariada alienada pelo capital, na qual o homem torna-se mercadoria mediante a venda da sua força de trabalho em troca de um salário, ao mesmo tempo é produtor dessa mercadoria, mas não se reconhece como tal. O trabalho abstrato subordina o trabalho concreto ao mesmo tempo em que o preserva.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS

é garantir a sobrevivência física. Na sociedade capitalista caracterizada pelas relações de dominação, pela divisão social do trabalho e pela divisão de classes, a alienação perpassa em maior ou menor intensidade a maioria das profissões. Segundo Gramsci (1968) para isso significa compreender de fato como se estrutura e se organiza a ideologia dentro do campo cultural.

Essa relação converte-se em interesses burgueses, em razão do modo de produção capitalista requerer a disponibilidade de uma enorme massa de força de trabalho sem acesso aos meios para sua realização, ao mesmo tempo em que, socializa os valores que permitem a reprodução.

Nesse sentido, a dinâmica capitalista radicalizada intensifica as formas de exploração e dominação para assegurar a reprodução ampliada do capital, e no plano cultural, há uma consolidação da “nova pedagogia hegemonia” que materializa as ações efetivas na aparelhagem estatal cuja característica é assegurar o exercício da dominação de classe pelo processo educativo (NEVES, 2010).

Essa aparelhagem Estatal, segundo Gramsci (1968, p. 149) “envolve a sociedade Civil, nas duas esferas essenciais do interior da superestrutura: a sociedade política” – o Estado em sentido restrito ou de Estado-coerção, ou seja, conjunto de mecanismos que a classe dominante detém o monopólio da repressão e da violência –, e “a Sociedade Civil” – formada pelo conjunto das organizações responsáveis pela elaboração e/ou difusão de ideologias (neste sentido, poder-se-ia dizer que Estado ampliado significa a sociedade política mais sociedade civil, ou seja, um Estado hegemonicamente revestido de coerção e consenso).

Nesse âmbito, o Estado poderá agir mais coercitivamente, geralmente, em momentos de crise e efervescência dos movimentos sociais ou mais por meio do consenso em contexto de equilíbrio econômico. Diante disso, no tocante as crises destacam-se duas formas: a de superprodução (acúmulo de mercadorias não realizadas) e a de supercapitalização (quando o capital acumulado não é investido), havendo assim, um desequilíbrio entre produção e consumo. Enfatiza-se, diante disso, que as crises de intensidade e duração variadas é o modo *natural* de existência

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS

do capital: são maneiras de progredir para além de suas barreiras imediatas e, desse modo, estender com dinamismo cruel sua esfera de operação e dominação, ou seja, as crises são “justamente a fase de estorvo e interrupção do processo de acumulação” (MARX, 2017, v.1)

A crise está associada à produção de mercadorias na sociedade capitalista, haja vista sua função de impulsionar a reprodução do capital por meio do consumo. Diante disso, para o ciclo produtivo acontecer é necessário o D (dinheiro) transformado em M (mercadoria) através da força de trabalho (Ft) em relação direta com os meios de produção (Mp), produzir D´(dinheiro acrescido de mais-valia), ou seja, o dinheiro é transformado em mercadoria, nessa produção da mercadoria está o investimento em capital constante (meios de trabalho) e capital variável (força de trabalho) que determina a composição orgânica do capital.

Sendo assim, o capital só se realiza na condição da mercadoria, como resultado direto da exploração do homem, se entrar na esfera da circulação para ser consumida, o contrário estala-se uma crise de superprodução. Outrossim, parte de D´ precisa voltar para o processo produtivo como investimento no capital constante e variável, em adverso provoca-se uma crise de superacumulação.

Posto isso, a classe dominante apropria-se dos meios de produção no sentido da acumulação do capital para exploração o trabalhador, esse como forma de sobrevivência vende sua força de trabalho em troca de um salário-mínimo. Essa contradição é explicada pela Lei geral da acumulação capitalista, que por sua vez deslinda a extração de mais-valia- relativa e/ou absoluta expressa na fórmula D-M-D´. Essa mais-valia (dinheiro acrescido através da exploração), portanto, é resultado trabalho excedente não pago e a reprodução do capital, diante disso, acontece no âmbito da realização da mercadoria, ou melhor, na venda da mercadoria.

Outros elementos chaves para compreensão das raízes da crise é a concentração e a centralização do capital impulsionada pelo incremento da tecnologia, nesse caso a tendência é um investimento maior em capital constante em

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS



detrimento do capital variável, por consequência, tem-se um aumento no contingente de trabalhadores no “exercício industrial de reserva” e um rebaixamento nos salários.

O “exército industrial de reserva” é a materialização da lei geral da acumulação capitalista, meio pelo qual o capital concentra-se e amplia-se mantendo ativa a rotatividade da mão-de-obra, essa por sua, encontra-se inseridas ou expulsas do mecanismo produtivo, vai depender do investimento do capitalista em capital constante e/ou variável. Sendo assim, Marx (2017) conceitua esse “exército industrial de reserva” como população excedentária ou superpopulação relativa.

Assim, segundo o autor citado o “exército industrial de reserva” permite um rodízio de mão de obra que resulta em um barateamento com gastos da produção, aumentando o lucro capitalista. Dentro desse exército industrial de reserva Marx (2001) pontua três formas de população relativa: 1° **a flutuante**- constituída por trabalhadores que nos grandes círculos industriais e minerais ora estão trabalhando ora não; 2° **latente**- existente nas áreas rurais, aqueles que trabalhadores que migram para as áreas industriais e não foram absorvidos por esse segmento; e a 3° **a estagnada** formada por trabalhadores que nunca conseguem trabalho fixo e vivem perambulando entre uma ocupação e outra. E aqueles que perambulam pelas cidades, os pauperizados que fazem parte do lupem.

Nesse contexto, a pauperização pode ser absoluta – quando a condição de vida do trabalhador experimenta uma degradação geral: queda salarial, aviltamento dos padrões de moradia e alimentação – contribuindo assim, com a produção da mais-valia absoluta; e/ou relativa – quando a condição de vida do trabalhador melhora com padrões de alimentação e moradia mais elevados, todavia, os trabalhadores continuam sendo explorados, ela se caracteriza pela redução da parte que lhe cabe do total dos valores criados enquanto cresce a parte apropriada pelos capitalistas – assim, cooperando com a extração de mais-valia relativa.

Esse pauperismo absoluto e/ou relativo depende do movimento produtivo do capitalismo. Desse modo, a tendência é em momentos de crise aumentar a produção de mais-valia absoluta, por consequência, aumenta-se a superpopulação absoluta

PROMOÇÃO



PPGPP  
30 ANOS

JOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS



por meio de condições de trabalho análogas à escravidão. Assim, segundo Marx e Engels (2010, p. 4):

[...] a cada momento de crise destrói regularmente não só uma grande massa de produtos já fabricados, mas também uma grande parte das próprias forças produtivas já desenvolvidas. Uma epidemia, que em qualquer outra época teria parecido um paradoxo, desaba sobre a sociedade - a epidemia da superprodução.

Netto (2012) revela que as crises no período de desenvolvimento do capitalismo eram localizadas, uma das primeiras aconteceu em 1825 e atingiu apenas a Inglaterra, todavia, na medida em que o modo de produção foi se complexificando, as crises foram ganhando dimensões mundiais, como exemplo, a crise que demarca o período entre 1847-1848, a de 1929 (iniciada em 1873) e a crise sistêmica de 1970.

Marx (2017, p. 436) define a crise como sendo, “a fase de estorvo e interrupção do processo de acumulação” como sendo uma oscilação do ciclo industrial, no período da indústria moderna. Esta oscilação obedecia a dois momentos: de produção a todo vapor; e de crise/estagnação da produção. Seus ciclos desembocam numa crise geral, o fim de um ciclo é o começo de outro que sempre apresentam as seguintes fases: “estabilidade, animação crescente, prosperidade, superprodução, craque, estagnação e estabilidade”.

Essas fases como decorrentes do ciclo econômico apresentam entre uma crise cíclica e outra, de acordo com Netto (2012) quatro etapas: “a crise (quando há uma redução da produção, desencadeando desemprego e recessão econômica), a depressão (com a expansão das consequências já iniciada na primeira faz, aliada a estagnação dos pequenos capitalistas, provoca uma criação de estratégias de recuperação do capital), a retomada (incorporação dos trabalhadores de pequenas empresa, investimento em maquinário e matéria-prima como estratégias de recuperação, verifica-se nessa fase, uma retomada gradual da produção) e o auge (a economia volta a crescer, aumenta-se os empregos, ecoa-se as mercadorias e o ciclo produtivo volta a realiza-se, recupera-se o boom da reprodução ampliada do capital)”, e as causas determinantes para que o crescimento seja interrompido são: 1) anarquia de produção; 2) a queda da taxa de lucro e 3) o subconsumo das massas

PROMOÇÃO



PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de  
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS

trabalhadoras, ou seja, a contradição entre a produção socializada e a apropriação privada encontra a progressiva racionalidade que organiza a produção nas empresas capitalistas e a irracionalidade do conjunto da produção; as ações de cada capitalista para maximizar seus lucros tiveram como resultados a queda da taxa de lucro, e o crescimento da mercadoria sem um correspondente crescimento da capacidade aquisitiva.

Pode-se evidenciar que o desenvolvimento do capitalismo, ao longo da segunda metade do século XX e na entrada do século XXI, permaneceu alternando entre prosperidade e depressão (ou recessão, que designa uma depressão menos violenta), o que aponta para o caráter ineliminável das crises, como sendo uma interrupção do movimento de produção e reprodução no capital.

Sendo assim, as próprias crises são contraditórias, uma vez que explicitam as contradições do modo de produção capitalista e ao mesmo tempo geram mecanismos para o auge de um novo ciclo produtivo, logo, as crises de intensidade e duração variadas são “o modo natural de existência do capital: são maneiras de progredir para além de suas barreiras imediatas e, desse modo, estender com dinamismo cruel sua esfera de operação e dominação” (MÉSZÁROS, 2010, p.795).

Concorda-se, portanto, com autor no tocante as três dimensões fundamentais para o funcionamento contínuo do capital, são: “produção, consumo e circulação/distribuição/realização”, sobretudo na afirmação existem variados tipos de crises, que pode ser de duração, frequência e severidade variadas. Suas consequências afetam umas das dimensões do capitalismo, impondo, diante disso, obstáculo ao sistema sem, porém, colocar em questão os limites últimos da estrutura global. Como exemplo, ele cita a crise de 1929-33 como uma “crise de realização”, devido ao nível absurdamente baixo de produção e consumo se comparado ao período pós- guerra (MÉSZÁROS, 2012, p.74-75). Diante disso, o sistema do capital é caracterizado por uma tripla fratura entre:

1) produção e seu controle; 2) produção e consumo; e 3) produção e circulação de produtos (interna e internacional). O resultado é um irremediável sistema “centrífugo”, no qual as partes conflituosas e

PROMOÇÃO



APOIO



internamente antagônicas pressionam em muitos sentidos diferentes (MÉSZÁROS, 2012, p. 105).

Dessarte, o sistema do capital acarretou uma separação entre produção e controle, também entre, produção e consumo e produção e circulação, assim, a harmonia entre produção e consumo nem sempre é objetivada em todos os momentos de realização da produção, pois a própria expansão do desenvolvimento capitalista põe limites para a produção do capital em proporções maiores, acarretando com isso, crises cíclicas, parciais ou periódicas.

As crises cíclicas são decorrentes da contradição entre produção e consumo, mas não põe em risco a expansão do capital mesmo apresentando sinais de estagnação com a queda da taxa de lucros, com a redução de níveis de produtividade, e o aumento da superpopulação relativa e absoluta – que se expressa na diminuição crescente da incorporação da força de trabalho no mercado e redução do padrão de vida, logo, o ciclo produtivo e reprodutivo é recuperado.

Para Marx, “a tendência progressiva da taxa de lucro a cair é, portanto, apenas uma expressão peculiar ao modo de produção capitalista para o desenvolvimento progressivo da força produtiva social do trabalho” (2016, p.164). Essa queda efetua-se porque em relação ao capital empregado utiliza-se em geral menos trabalho, retarda-se com isso “a formação de novos capitais autônomos, e assim aparece como ameaça para o desenvolvimento do processo de reprodução capitalista; ela promove superpopulação, especulação, crises, capital supérfluo, ao lado de população supérflua” (MARX, 2016, p.183).

Cabe mencionar, nesse contexto, que até 1929 as crises apresentavam ciclos, permitindo ao capitalismo reestruturar-se. Todavia, após o esgotamento dos anos dourados e do desmonte do Estado de bem-estar, Mézszáros pontua que o capitalismo mergulhou em uma crise estrutural. Para ele essa crise manifesta-se mediante quatro aspectos principais, são esses:

(1) seu caráter é universal, em lugar de restrito a uma esfera particular (por exemplo, financeira ou comercial, ou afetando este ou aquele ramo particular de produção, aplicando-se a este e não àquele tipo de trabalho, com sua gama específica de habilidades e graus de produtividade etc.); (2) seu

#### PROMOÇÃO



#### APOIO

PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS



alcance é verdadeiramente global (no sentido mais literal e ameaçador do termo), em lugar de limitado a um conjunto particular de países (como foram todas as principais crises do passado); (3) sua escala de tempo é extensa, contínua, se preferir permanente, em lugar de limitada e cíclica, como foram todas as crises anteriores do capital; (4) em contraste com as erupções e os colapsos mais espetaculares e dramáticos do passado, seu modo de se desdobrar poderia ser chamado de rastejante, desde que acrescentemos a ressalva de que nem sequer as convulsões mais veementes ou violentas poderiam ser excluídas no que se refere ao futuro: a saber, quando a complexa maquinaria agora ativamente empenhada na "administração da crise" e no "deslocamento" mais ou menos temporário das crescentes contradições perder sua energia (MÉSZÁROS, 2012, p.70).

No que lhe concerne, a crise estrutural é para o autor uma crise do modo de produção de mercadorias que migrou em direção ao coração do sistema, sua natureza é marcada por uma continuidade depressiva na qual se mostra longa, duradoura, sistêmica e estrutural, de processualidade incontrolável e profundamente destrutiva.

Conforme Mézáros "a crise estrutural não se origina por si só em alguma região misteriosa: reside dentro e emanam das três dimensões internas produções, consumo e circulação/distribuição/realização" (2012, p, 798), pondo "em questão os limites últimos da estrutura global" (2011, p.19).

No último quarto de século, a crise estrutural do capitalismo, passa a ser determinada pela ativação de um conjunto de contradições e limites que não podem ser superados pelo próprio sistema (MÉSZÁROS, 2012, p. 149) tem-se a ativação dos limites absolutos do capital, "efetivada devido ao fato da constatação do fim da ascendência histórica do capital no atual momento histórico, sua dimensão se revela como uma verdadeira dominação em geral" (Idem, p.800), afetando as relações humanas, as esferas de atividade, o cotidiano dos indivíduos, ou seja, reverbera-se pelo planeta atingindo "até mesmo os remotos cantos do mundo, afetando cada aspecto da vida, desde as dimensões produtivas diretamente materiais às mais mediadas dimensões intelectuais e culturais" (idem, ibid, p.15).

Nessa perspectiva, a crise estrutural revela a capacidade destrutiva do próprio sistema, pois a produção e consumo supérfluo acabam gerando a corrosão do

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUIS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS



trabalho, com as sua consequentemente precarização e o desemprego estrutural, além de impulsionar uma destruição da natureza em escala global. A injunção radical entre produção para as necessidades e autorreprodução do capital se torna uma eclosão de precipitação (ANTUNES, 2011).

### 3 CONCLUSÃO

Portanto, compreender-se o processo de acumulação e concentração do capital pela via do aumento da superpopulação relativa e absoluta na era dos monopólios (NETTO, 2012) no estágio imperialista (LÊNIN, 2007), devido à própria contradição do capitalismo e seus ciclos tendências de crises, cujas consequências provocam profundas transformações societárias<sup>8</sup>. Netto (2011) aponta, diante disso, que o capitalismo em sua fase monopolista recoloca, em patamar mais alto, o sistema totalizante de contradições que confere à ordem burguesa os seus traços basilares de exploração, alienação e transitoriedade histórica, todos eles desvelados pela crítica marxista.

Sendo assim, os grupos monopolistas curvam-se nos seus próprios limites investindo no exterior da depreciação do capital fixo existentes, desemborcando segundo Netto (2011, p.22) em dois elementos que se relacionam as crises: a) a supercapitalização – o montante acumulado encontra dificuldade de valorização, primeiramente é utilizado como forma de autofinanciamento dos grupos monopolistas, seguidamente sua extensão ultrapassa as condições de valorização, afirmando a tendência descendente da taxa média de lucro, consequentemente, há uma recorrência emergente da indústria bélica, uma contínua migração dos capitais excedentes por cima dos marcos estatais e nacionais e a queima dos excedentes em atividades que não geram valor; – e b) o parasitismo – natureza parasitária da

<sup>8</sup> A constituição da organização monopólica surge com a transição do capitalismo concorrencial para uma fase articulada ao fenômeno global da centralização pela via da fusão de empresas e grande concentração de capital no estágio imperialista, suas características são: acréscimo dos lucros capitalistas através do controle dos mercados e organização (sistema bancário e creditício – papel econômico-financeiro- formação de cartel e trustes) (NETTO, 2011) e aumento da taxa afluente de trabalhadores ao exército industrial de reserva.

PROMOÇÃO



APOIO



burguesia ao engendrar a oligarquia financeira e ao divorciar a propriedade da gestão dos grupos monopolistas, isso generaliza a burocratização da vida social/terceirização da vida social e multiplica as atividades improdutivas.

O capitalismo monopolista, nesse sentido, diante da crise, intensifica a alienação e a exploração com a finalidade de crescer os lucros capitalistas mediante o controle dos mercados, centrado na figura dos bancos e no desenvolvimento tecnológico constitui-se como fusão do sistema bancário e creditício cujo papel econômico-financeiro é substantivamente redimensionado na esfera da produção e reprodução provocando um rearranjo na divisão internacional capitalista do trabalho nos setores ainda não monopolizados.

## REFERÊNCIAS

CANTALICE, L. O neoconservadorismo na produção de conhecimento em serviço social: tensões entre o pós-moderno e o projeto profissional. *Temporalis*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 32, 2016.

GRAMSCI, Antônio. Cadernos do Cárcere volume 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. (Maquiavel: Notas sobre o Estado e a Política). Caderno 03, p. 13-109, 2000.

\_\_\_\_\_. Os intelectuais e a organização da cultura. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

\_\_\_\_\_. Cadernos do cárcere: os intelectuais; o princípio educativo; jornalismo. Volume II. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

LENIN, Vladimir. O Estado e a Revolução: o que ensina o marxismo sobre Estado e o papel do proletariado na revolução. [Tradução revista por Aristides Lobo] – 1ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2007.

LESSA, Sérgio. Mundo dos Homens: trabalho e ser social, São Paulo: Instituto Lukács, 3ed., 2012.

LUKÁCS, György. El asalto a la razón. La trayectoria del irracionalismo desde Schelling hasta Hitler. Barcelona: Grijalbo, 1970.

\_\_\_\_\_. Para uma ontologia do ser social I. São Paulo: Boitempo, 2012

### PROMOÇÃO



### APOIO

PPGPP  
30 ANOS

JOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS

\_\_\_\_\_. Ontologia do ser social: os princípios ontológicos fundamentais de Marx. São Paulo: Ciências Humanas, 1979.

MARX, Karl. Capítulo VI – Inédito de O Capital. São Paulo: Centauro, 2004.

\_\_\_\_\_. O Capital: crítica da economia política: livro I. 29ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.

\_\_\_\_\_. ENGELS, F. Manifesto do Partido Comunista- 1ed revista- São Paulo: Boitempo, 2010.

\_\_\_\_\_. Os despossuídos: debates sobre a lei referente ao furto de madeira. Tradução Nélio Schneider; Daniel Bensaid e Mariana Echalar. – 1.ed. – São Paulo: Boitempo, 2017.

MÉSZÁROS, István. A teoria da alienação em Marx. [tradução Isa Tavares] – SP: Boitempo, 2011.

\_\_\_\_\_. A educação para além do capital. [tradução Isa Tavares] 2ed- São Paulo: Boitempo, 2012.

NETTO, J. P. Crise do Capital e Consequências Societárias. Serv. Soc. Soc., São Paulo, n. 111, p. 413-429, jul./set. 2012.

\_\_\_\_\_; BRAZ, Marcelo. Economia política: Uma introdução crítica. São Paulo: Cortez, 2010.

\_\_\_\_\_. Capitalismo Monopolista e Serviço Social. 3º Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

NEVES, Maria Lúcia Wanderley (Org.). Direita para o social e esquerda para o capital: intelectuais da nova pedagogia da hegemonia no Brasil. São Paulo: Editora Xamã, 2010.

PROMOÇÃO



APOIO

